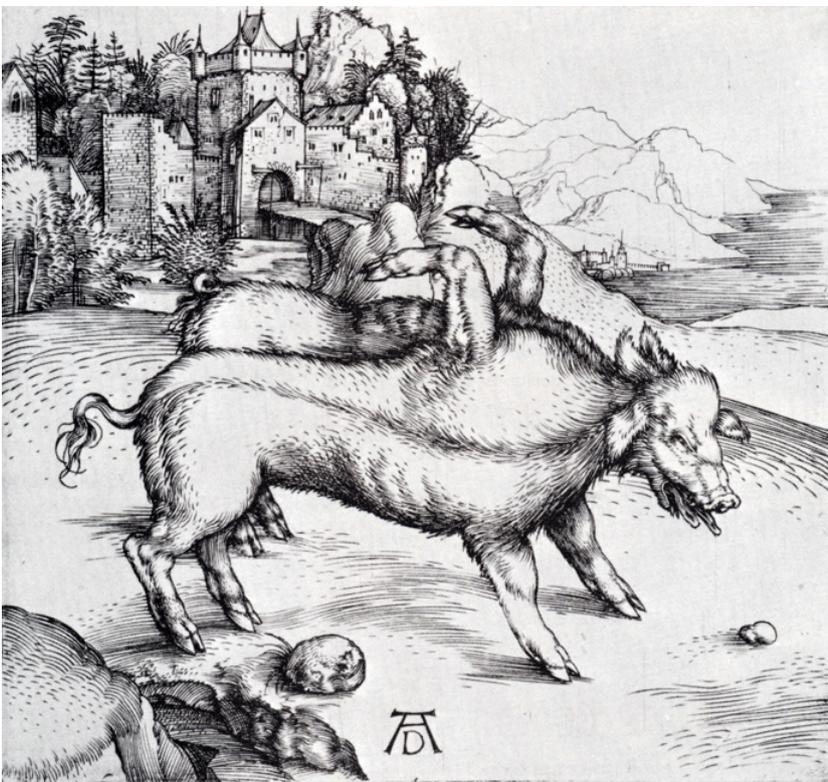


A porca prodigiosa de Landser

Priscila Rossinetti Rufinoni*



Albrecht Dürer, *A prodigiosa porca de Landser*, xilogravura, 1496.

Personagens:

Cristão

Judeu

Camponês

Cenário: uma cela, dois bancos longos, onde se pode deitar, uma personagem sentada no chão, entre palhas, outra em um dos bancos. Uso de *slides* no telão, projetado sobre a cena, reconstituindo de modo didático, e mesmo estereotipado, as citações do texto, na forma de pseudo documentário (imagens de época, cenas de massacres, cárceres de Piranesi, quadros e imagens citadas – talvez Ghirlandaio no caso da figura feminina, gravuras renascentista sobre o

monge inverso, a imagem da queda de Adão, com Eva espelhada na serpente, de Hugo van der Goes, por exemplo etc)

[vindo de fora, para dentro da cela]

Judeu: Mas não podem me deixar aqui, esse é o corredor das celas dos condenados? Não, não me deixem aqui! Já constroem um cadafalso...ouço os martelos!

Camponês: [sentado no chão] Entre, entre, não é pior que qualquer outra parte desse mundo...não estamos aqui por nós, não somos nós. Nossa sombra, não é à luz da lei? Atravessamos a luz no

momento exato em que os ponteiro se encontraram. Cortamos a luz quando os vários acontecimentos se encadearam para dar corpo à norma, para dar sombra à Lei, à norma das normas: *norma normans*. Foi lei humana que fez essa culpa em nós, inscreveu a culpa em nossa carne, tornada exemplo, a nos fazer Verbo, em uma espécie inversa de encarnação.

Judeu: O quê? Ei, ei [para fora da cela] eu preciso falar com o cardeal! Não preciso ficar encarcerado com um maldito assassino maluco! Ora que adianta? Quem me ouvia antes? Quem me ouvirá agora? [senta-se em um dos bancos]. Só se ouvem martelos, é um cada falso, na praça...[camponês se aproxima]. Ora, me deixa, saia! Estás sujo! Fedes! Tens piolhos!

Cristão: [sentado no outro banco] Não te impressiones com ele. Não, não voltes atenção aos martelos, senão enlouquecerás. Martelam há dias. Pode ser que marquem por meses, anos, que marquem sempre. Construam e destruam patíbulo o tempo todo. Como saber? E não dizem que há uma ilha na qual se enforcaram 72 mil ladrões? 72 mil, não há feriado para tal número! Não ouças martelos ou loucos...senão assim acabamos todos. Que bom que chegastes, já não aguentava esse som, tam, tam, tam. E a companhia...bem! Me diz, que fazias lá fora?

Judeu: Mercadejava, em Hamborg...

Cristão: Fora do Império...e, diz, como é lá fora de lá fora ainda? O sol brilha?

Judeu: E como em todo lugar, ora. Também, aquele sol nem me pertence, fosse meu, o venderia, tudo se troca por tudo, não é? Não sou de lá, nada lá me pertence, sou da Alsácia, de um povoado próximo a Landser.

Camponês: E não foi lá que nasceu a porca de oito patas? Não foi em Landser? Vi gravuras nas feiras, a porca de patas nas costas, a porca de Landser, patas que são chifres cavalgando os céus. O sinal se espalhou, louvaram dia e noite nas vilas, cantou-se e bebeu-se. Pois se as patas tocavam o céu, como chifres que esperneavam, patas que eram chifres que eram asas, era sinal de que tudo se invertia, de que tudo se podia converter em tudo, e que o direito da terra, sobre nossos pés de nuvens, se dissolveria e seria toda outra a terra...

Judeu: A porca? Mas faz tantos anos, não eras nem nascido, rapaz. Soaram todos as sinagogas, as patas que não tocam o chão eram as patas da cobra que agora retornavam invertidas. As flores voltariam o avesso de suas pétalas às abelhas, o chão afundaria como se feito de nuvens e as nuvens, duras como pedras, rebentariam sobre nós. E viria então o monge inverso, que nos faria a todos rebolar no estrume do diabo. Sim...eu era menino, lembro das luzes na sinagoga, do medo e das vigílias. As mulheres voltaram todas a raspar cabelos e sobrancelhas, os homens, não ousavam mais tocar em suas barbas imundas e imensas. Ninguém se movia aos sábados, nem mesmo os cães, para não serem apedrejados. Mataram o dono da pocilga, sua mulher foi queimada, e a leitoa que gerara o rebento, esquartejaram viva, calcinaram a carne, dissolveram em cal a gordura, para que nem os vermes as provassem. Ora, crendices...eu venderia as oito patas para algum gentio, ora, quem ganhou com isso? Mataram um velho cristão meio tolo e sua mulher desdentada, e no fim, a cidade continuou a cheirar a merda, do diabo ou do gado, tanto faz, o fedor era o mesmo.

Camponês: [para o Cristão] Nunca viste, nunca, as gravuras nas feiras? Pois



eram muitas! Se imprimiam em toda parte...as patas aladas, apesinhavam os céus com a coragem de obrigá-los a abrir-se, desfaziam a casca que nos separam. E eu que nem sei ler, via-as a todo momento, como uma sorte de boa nova que se espalhava pelos portos, pelas feiras. Sim, eram lindas as gravuras, nas asas de um animal único, do qual mataram o útero fecundo, para que não tivesse irmãos. Uma nova raça, arrancada da sua ninhada, distinta por violência! Ah, contavam como morrera-lhe a progenitora, em quartos, queimada sobre os altares brancos. Seu sangue exalava odor de colheita.

Cristão: Ah, estou aqui por dívidas! Não perguntaram, mas respondo! E mereço eu estar entre dois loucos agora? Sempre segui todos os ritos, nunca deixei a igreja, nem as boas ações que mo pediam, medidas, fazia-as todas, marcadas no calendário: na quaresma, nos dias santos, nos domingos. Entreguei a quantia para a grande catedral, dizem que seria mais do que as nossas, mais do que toda a ossatura de pedra e vidro e sangue que erguemos, anos após anos, para atingir esse céu infecto, distante, imperfurável por nossas flechas, nossos torreões, por todos os minaretes, cúpulas e arcos possíveis. E aqui estou, a ouvir sobre porcas aladas que pisoteiam o céu...dizei, o que foi feito desse animal tão distinto? Comeram-no pelo menos?

Camponês: Não, quem o faria? Esteve viva nos jardins do imperador até o Senhor levá-la e ser então empalhada e exposta sobre um pedestal de esmeraldas.

Judeu: Boatos. Imperador nenhum sabe onde fica a minha maldita aldeia. Nem se um anjo de luz, ou de ouro, lá descesse alguém iria buscá-lo num lugar daqueles. Fede, só o que posso dizer-lhes. Fede, o

rio é infecto, pare moscas no verão, lodo congelado no inverno. Na primavera, o campo cobre-se de gafanhotos marrons e pragas se insinuam nos celeiros. Os ratos acompanham as folhas de outono e devoram o que sobrou. As pessoas são mesquinhas e mau formadas de corpo, feias, muitas vezes tortas. Mal têm o que comer e vestir, sujas, praguejam o tempo todo e se odeiam mutuamente. Judeus e cristão vivem como bichos, confinados em pocilgas. Sai de lá ainda rapaz...nunca mais voltei. Bem, cristão, tivéssemos nos conhecido lá fora, emprestar-te-ia para tuas dívidas, a juros, claro. Empenharias menos do que empenhaste. Tanto cristão a mim recorreu, condenando-me a seu inferno para salvar-se do meu, aqui, na terra mesmo. Empréstimo, assina a sangue se necessário, mas nunca recorras à lei de teu devedor. O dinheiro corta, mas só de um lado, a lei...essa tem vários cortes, depende do manejo. E aqui estou, entre dignos cristãos. És cristão, não, plebeu? Ou cultuas apenas a porca?

Camponês: Por que me insultas, se também estou aqui pelo mesmo manejo da faca? Sim, ela corta como quer, como se a abóbada de pedra das salas de julgamento fosse a própria abóbada celeste. E não sabes? O ano da porca...era eu menino e já ouvia, no ano da porca nasceu aquele que nos franquearia a própria palavra, aquele que cortaria, como as patas no lombo, esse firmamento de pedra escrito em língua estrangeira. Não aceitei mais as sílabas incompreensíveis, não mais as repeti. Estou aqui, retirado do mundo cristão pelos cristãos. Mas agora sei o que dizem suas palavras.

Judeu: Sim, sim, isso também chegou por aqui? Alguns dizem que é, qual a palavra? “Herético”? É isso? Vendem esses impressos nas feiras, ah, se vendem

aos montes em Hamborg e por toda a Liga! As pessoas precisam de novidades, depois que se inventou essa máquina de reproduzir palavras, palavras, palavras. Antes, só víamos as imagens, que, vá lá, são caladinhas. Ou dizem o que queremos ouvir, acalentando nosso olho cansado: olhe aqui, um demoniozinho, um anjo, uma flor, uma bela virgem a sorrir, olhe, pode-se divagar a vista desatenta, sem se consumir. Depois voltamos aos negócios, cabeça branca, olhos calmos. Mas as palavras? Ah, elas dizem e desdizem. Em Hamborg empresta-se dinheiro, juros, multas, todos vivem assim, em outros lugares, o mesmo que ali enriquece, pode levar à execração pública, por uma palavra. Usura? Uma palavra. Todos negociam privilégios e vantagens, se puderem. Corrupção? Se assim se escrever. Em um lugar se canta aos sábados, em outro, morre-se queimado por isso. Segundo um edito, matar pode lhe dar fama. Ou fazê-lo perder o pescoço...o que muda o corte da faca? Uma ou duas palavras. Um juiz ou outro resolve desenterrar das traças a letra morta de uma lei antiga, e a vida que retroaja ao tempo escrito! Se cada juiz puder selecionar palavras diferentes e ricas, criando a ilusão de pensamentos e opiniões distintas ao infinito, então, dialética! Está feita a justiça! E em todo caso – palavras palavras palavras –, não queremos todos o mesmo: enriquecer, orar a algum deus que nos proteja e viver? Não cometemos o mesmo: matar, espoliar, excluir-se? Por mim, viveríamos sem palavras, cada um por si. Mas tu nem sabes ler rapaz! Como foi assim condenado pelo pior dos inventos, o mais imundo? Deverias estar a salvo dele.

Cristão: [intrometendo-se na conversa] Não fui condenado por palavras, ora essa! Essas heresias todas, os debates teológicos, nunca me envolvi em nada disso! Tenho dois ou três impressos na

minha casa, e olhe lá. Um deles é apenas uma listagem de cidades e os tipos de tecidos que produzem! Tenho também um livrinho bonito, iluminado, de poemas...não me lembro de mais nada. Nem grande leitor eu sou ou fui! Não tenho nem mesmo uma Bíblia, a do padre sempre me foi suficiente. Fui condenado pelo mais cruel dos instrumentos: o dinheiro! Ora, um homem que nunca deixou de pagar por suas obrigações, tudo contadinho, que sempre entrou na igreja com respeito – confesso que sem a fé que move qualquer coisa, mas onde eu a acharia? Não se movem, e minha cabeça apenas dói. Um homem que nunca pensou em nada além do que está ao alcance de sua mão, deixando a alma guardada no bolso, embrulhadinha para o futuro, sem atribuições heréticas. Estou aqui também, que maldita faca cortou meu destino?

Judeu: Mas o que te levou tão longe em tuas dívidas?

Cristão: Bem, por que não contar? Não sou rico, na verdade, somos bem pobres, mas tenho bom nascimento, alguma fidalguia, venho de uma linhagem de vassallos de grandes senhores, outrora suseranos. Um tanto decaídos, mas ainda assim fidalgos. Por esses emblemas e heráldicas empoeirados nos velhos armários, meu pai conseguiu arrumar para mim um bom casamento, que retomaria lugares para nossa família. Não conheci a noiva, apenas trocamos cartas e vi-lhe, da face, um pequeno camafeu. Era um tanto mais velha que eu, não direi que feia na pintura, mas... não me causou qualquer comoção do corpo ou do coração. O fato é que os preparativos, a doçura de minha mãe e irmãs em torno do casamento, os tecidos, musselinas de Mossul, sedas do Cantão, abriram-me os olhos para o mundo feminino. Não imaginas a variedade de espécies de fitas,



de passamanarias, de vidrilhos e miçangas que povoam nosso pequeno mundo de Deus! Como era doce esse pequeno mundo, luminoso, mas de um lume doméstico, acolhedor. Como era atraente o conjunto de maravilhas ordenado em arcas, pelas mãos de minha irmã, de minha mãe, de suas amas. Nunca tinha prestado tanta atenção nas moças, juro, era mais dado aos jogos, corridas de cavalos, mas foi abrir-se essa porta e meus olhos seguiam qualquer perfume feminino na praça. Como quem procura acha, achei-a: Flor, era seu nome. Pelo menos, o que mo deu. Hoje nem sei dizer se era tão bela, tinha braços muito brancos, cujo veludo magnetizava meus olhos, um colo farto, rosado, e belos cabelos, presos em um tocado roto e sem brilho. E como não cumular esse pequeno mimo tão branco das mesmas musselinas de Mossul e das sedas do Cantão que tanto maravilham meu olhar? Como deixar-lhe os cabelos presos em um tocado feio, onde faltava uma ou outra pérola? Como explicar? Enchia-me os olhos de pavor ver as falhas em seus brocados rotos, as lacunas de uma ou outra lantejola...ah, perdi-me pelo olhar! Nem uma única palavra, os olhos me enganaram...

Judeu: Luxúria.

Cristão: O quê?

Judeu: Luxúria, a palavra. As vísceras, querem a carne em seu viço, todos não queremos? Impudências? Se assim quiserem: as palavras é que lhes dão nomes...

Cristão: Não, não, não me perdi por luxúria, mas por dinheiro! A luxúria eu a purguei no confessorio, entreguei o que mo pediam da cota para São Pedro, já não vós disse? E ainda prometi, a meu

santo de devoção, que iria à igreja em Roma quando estivesse erigida, como penitência. Não, a luxúria, palavra ou pecado, quitei-a, ampliando um pouco mais minha dívida cá na terra, esta sim, me perde o corpo, arruinou meu pai e minha família de vez. Empréstimo, me diz caro amigo! Sim, eu os fiz com agiotas de toda sorte! Andei nas lojas judias como um decaído, fui humilhado por homens agudos, de barba longa, por homens jovens, de cavanhaque moderno, por toda sorte de israelitas mesquinhos, dos tradicionais aos marranos. Por toda essa gente que se move pelas arcadas, escondidas da rua, como a engrenagem secreta que põe em movimento o crédito, as dívidas, por baixo da casca da sociedade; gente esquiva como um rio de lama a acionar esse sinistro moinho. Não me venha dizer que foi a luxúria, pecado é de se haver com Deus, e com esse não tenho mais dívidas! Palavras! Pois sim, o ouro não fala!

Camponês: Vocês negociam com deus como se estivessem no mercado. Trapaceiam, negaceiam, pechinham, oferecem mimos aos santos como às prostitutas! É o dinheiro, o dinheiro que nunca tive que há de te perder o corpo e a alma! Não sei sequer ler, mas já sei que não se negocia com aquele que aniquila, aquele que é o próprio dom não se presenteia. Seu dinheiro, seu ouro, nada disso tem parte com deus!

Cristão: Invidía? E essa palavra, existe em teus opúsculos? Ou não há mais pecado para os adoradores da porca?

Judeu: Ei calma, calma. Deixemos essa criança tola em paz, é só uma criança que acredita em tudo que ouve. Pelo menos sabemos de tu que se trata só de um adúltero, não é por ti que se digladiam tantos martelos! Por que seria? Pois

quando virá nos ver esse teu mimo branco coroadado de musselinas e pérolas, quando te visitas a florzinha?

Cristão: Ai de mim, nem sei. Minha mãe sofreu tanto que lhe branquearam os cabelos. Minha irmã mais velha perdeu seu casamento, há tanto tempo marcado, e hoje vive como solteira e desprezada. Meu pai...ah, vendeu o que tinha para saldar dívidas umas atrás das outras, que não paravam de bater a nossa porta. Cada vez mais velho e empobrecido! E não terá netos de estirpe, seu nome sumirá nas letras judiciais. Por que, meu Deus, por que não se encantaram meus olhos pelo camafeu da velhusca? Por que não aceitaram felizes a vida de quietude familiar, de doce convivência sem grandes gozos, entre filhos e cães e belos cavalos e empregados de roupa limpíssima? Por que vilipendiei e trai o nome heráldico da senhora que agora cobra sua honra ancestral no peso da minha vida de hoje. Por um nome, só por um velho nome medieval me quer preso! Flor! Flor, ai de mim! Vocês já viram que, na pintura da igreja, Eva e a serpente têm a mesma face, os mesmo cabelos louros que lhes chegam à genitália? Sim, sim. Só reparei depois, quando fui à catedral velha pedir a todos os santos, o de meu patronímico, o de devoção familiar, aquele do dia da fundação da cidade, a todos, que me salvassem uma última vez da derrocada final. Estava ajoelhado e meus olhos foram despertos, sim, como se fosse uma espécie de luz que os obrigava a se erguer e os levava até a imagem: um tanto oblíqua, no canto esquerdo da nave, Eva segurava a cabeleira entre as pernas, esfregava aqueles cachos dourados nas coxas brancas, e, com a outra mão, recebia, da irmã gêmea serpente, uma fruta brilhante de ouro. Era isso, entendi e chorei. Que Deus me perdoe, fui atraído pelos olhos.

Judeu: Ah! Ah! Ah! Nós nos parecemos, caro cristão, você já foi à Igreja nova dos Agostinhos? Viu seus ouros, sedas e as pinturas que lhe modificaram a antiga feição medieval? Pois fui eu: eu que negocieiro ouro com piratas portugueses, que contrabandeeiro pinturas, trouxe brocados e sedas a preços módicos de Gênova e emprestei a juros para que a igreja fosse o que é hoje. Uma igreja tão linda que quase me levou a crer que seria então um homem de bem como vocês, um gentil homem, pois não! Mas eu também apenas mimei a uma puta, vejamos só. Ah Ah Ah!

Cristão: Flor não era uma puta!

Judeu: A diferença das nossas histórias, caro cristão, e que nesse caso você foi um bom endividado. Eu lhe honro por isso. E eu fui um credor ingênuo. Pois o cardeal não mais podia pagar-me os juros, que entretanto estavam no papel, o que vale muito na nossa liga, às vezes mais que palavras sagradas. Então, apelou a seu engenho! Colocou no meu encaixe um rapazola, que me seguia onde eu fosse. Minha sombra. No começo, apenas me irritava, mas com o tempo, aquele avantesma atrás de mim passou a me aterrorizar os dias. E não podia denunciá-lo, não podia sequer falar a alguém, pois não seria no fim só uma visão minha? Uma visão, uma alucinação. Pois sim! Olhava além da minha loja, no canto da praça, lá estava, cutucando o cascalho com o pezinho. Saía a passear, até o porto, conferir as importações, e o via entre as barcas, quando ondulavam ao bater do mar. Entre uma e outra, escondido, entrevisto. E até à noite, da janela do quarto, tinha certeza de vê-lo, dentre as árvores, saltando sem cansaço, entremostrando-se, à espreita. Cheguei a crer vê-lo mesmo em Lübeck e até em Veneza, quando viajava a negociar. Para meus olhos assustados, já embarcávamos



nos mesmos barcos, já comíamos nas mesmas tavernas, já dormíamos nas mesmas estalagens, onde quer que estivesse. Aquela sombra não dormia, não saía de mim. Mas não perdoei o cardeal, nunca! Nem poderia, pois a casa de câmbio era minha e de meus irmãos, e a importadora, de dois sócios. E por que o perdoaria? À sua luxúria? Perdoar a sua putinha dourada, que agora ele expunha à comunidade como a mais rica indulgência a seu deus mesquinho? Não. Que me colocasse um diabo atrás da porta. Nunca. Sorri, recebi seus séquitos de bispos e pajens, renegoceie a juros ainda maiores, mas nunca cedi nem um tostão. No dia da sagração, quando a putinha enfim seria aberta ao público – ela tem algo de virgem impudica não?– eu fiz questão de viajar e estar na praça entre a multidão. Apenas como um deles qualquer, não me deram nenhum lugar de honra próximo ao caminho do cortejo triunfal. Nada! Vi a comitiva de muito longe, entre camponeses e artesãos que cheiravam a suor e cerveja azeda. De longe, as duas grandes flâmulas vermelhas que desciam pela fachada pareciam rastros de sangue, lágrimas correndo dos óculos abertos, como grandes olhos indefesos. E abriram-se então as portas da nova catedral. Como se lhe abrissem as pernas à multidão, para que gozassem daquela carne de ouro, alabastros e nácar, de luzes, de vidros coloridos, de tinta ultramar e encarnada. Aquela carne seca que eu, com meu humilde trabalho, com a colheita de maravilhas de tantas paragens distantes do mundo, eu a havia ricamente adornado para a saciedade da turba!

Cristão: Israelita! Não tens esse direito! De nos vilipendiar com tuas palavras, fala contra mim, mas não da nossa igreja! Nada falei de tuas sinagogas escuras e

ocultas das ruas, como viúvas tristes e raivosas que tramam bruxarias nas alcovas!

Judeu: Sim, tens razão, meu querido devedor! Também nossas evas choram, umas no consumo público e vergonhoso, com seus véus de ouros roubados a tantas partes da terra; outras na obscuridade da sua mortalha rota de antigas tradições. Também elas sofrem o vilipêndio dos homens e dos seus deuses, não?

Camponês: Credo em cruz! Credo em cruz! A prostituta da babilônica se encontra com o sabá de viúvas! Que deus nos abençoe! Que deus nos abençoe! Que minha fé remova todas as montanhas! Creio em deus padre...creio em deus padre todo-poderoso....

Judeu: Ora, minha pobre criança perdida! Não te assustes! Estamos entre homens, na terra crua e seca, não vês? Ouve [para o som de martelos]: se constrói a vida e a morte, só isso. Ouve, é humana fábrica. Sim, e quem faz de uma mulher prostitua ou viúva senão nós, os homens?

Cristão: Mas vá lá, judeu! Não estas aqui apenas por blasfêmia...que as sabe aos montes!

Judeu: Não devedor, não. Eu te conto. Temos tanto tempo...Pensando bem, estou aqui também pela porca de oito patas, por que não? E não dizia a profecia que ela anunciava o monge inverso, o que andaria com um demônio escuro alojado no escapulário e no capucho, a lhe sambar pela calva da tonsura monástica? Se não me engano, nos chamaste de agudos, não foi? Sim, sempre me achei engenhoso, de fina agudeza. Sei a língua de consoantes da minha gente, mas sei também essa de

vocês, como veem, leio um tanto de latim para os contratos mais comuns, converso com genoveses e venezianos, e não sou enganado nem mesmo em cantonês. Mas, nesse dia da sagração, demorei a vê-lo, a ele, minha sombra. Julguei que me deixara enfim. Então, lá estava ele. Diferente, mesmo quase outro, não o reconheci de imediato. Parecia mais alto, corpulento. Também destoava do colorido dos demais, que desfilavam púrpuras e ouros, pois usava uma grande gola preta sobe um jaleco simples abotoado. Perdia-o de vista e o confundia vez por outra com os escapulários negros dos agostinianos, enxameando à praça. Mas não, não sou facilmente enganado. Ele estava ali. Era ele. De repente, sem que me desse conta de onde vinha, esbarrou em mim, tocou-me, um sopro arrepioi todo meu corpo. E, só agora me dou conta, a sua grande gola, virada pelo vento, erguia-se, e a mim me pareceu que alguma coisa se movia nela. Um inseto qualquer talvez, uma mariposa, mas havia algo de vivo naquela gola, um bicho preto. Sim. Ele, então, acenou com a cabeça, pedindo desculpas, as mãos às costas na reverência, e, eu sabia, ia me apunhalar! Claro, o gesto era evidente. Apunhalei-o antes. Que tolo! Nada mais útil, agora estou aqui, credor e dívida, suspensos das ordens do mundo, sem se sujar uma única unha do cardeal. Eu, que conheço e uso as crenças de tantos povos, pego pelas minhas, sem nem o perceber!

Cristão: Meu Deus, mataste um cristão? O cadafalso!

Judeu: Não, não morreu o salafário! Agradeço que me julgues tão ..., como dizer? Arrojado! Um corte no braço, superficial...e aleguei que me assustei, que achei ser uma tentativa de furto, pois ele estava de preto destoando da multidão, aleguei que tinha boas relações

com o cardeal, aleguei tudo que pude, prometi crédito, sedas, musselinas, ouro, prata, nácar, tinta de ultramar, carmim o que quisessem. Mas a putinha estava saciada não? E não há como fazer a carne calar quando arrancam dela sua culpa não é? Eu nunca surrei, nem a um cão, nem matei a um mísero peixe se querem saber! Nem um cão o merecia! Deve ter recebido parte do que deveria ser pago a mim esse salafário! Por um corte no braço! Somos todos, – como disse nosso santo aqui? – ‘exemplos’ meu amigo, abstrações arrancadas de nós à força. Quando a carne de cada um enfim vira palavra não é? Chamam a isso, como é mesmo, ‘réu confesso’? O cristão luxurioso, o judeu avarento...o herege dos campos...



Das XXXIII Capitel.

Die sind vnd werden die seychen sein / dabey man ihn würde erkennen
Er wirt schwarze fleckiche haben am leybe / vnd würde einen heilich
en leib haben voinn blaunfleckichen manch farbichen maceln im der
rechten seyten / bey dem schiff vnd an der huffe. Er sehet an
taylor glücko / zur rechten hand des hynels / vnd im schanden vom hofscopo /
doch / das der Ascendens der bayder beste weylischer sey / vnd werden sich auff
das hyn der se theyl des leibes am maysten maygen. Er würde auch noch aus
ander seyten am der busst haben / auff dem taylor des zaychen wölliches im sechsten
grade des leuens erfunden ist. Dieser Propheet / wie das selbige Simeon be-
saget / würde erschrecklich sein den Göttern vnd den Teuffeln / er würde vil seych
en vnd wunderwerck thün. Seyne züsanffe werden auch die bösen geyste sychen
vnd die menschen / so mit dem teuffel besessen sind / würde er nicht außtraffe der
widerer / sondern allain das er sich sehen leff erretten.
Über auß dem theyl des Reichs in dem Lufften diser Coniunction / wie da sagt
Zusehonius de monte Olmo / würde er nichtt alheye thün was er andern züthün
wirdt



Cristão: Pararam. Deve ter escurecido de verdade. Deve ser noite mesmo lá fora.

Camponês: [de joelhos] Calem-se! Como falam o tempo todo, como querem encher o vazio com sons, com explicações! Olhem, as pedras não se movem. Tento movê-las com minha fé, só a fé...minha fé, *sola fide, sola fide*, só, tudo que tenho. E será tão forte? Serei eu...

Judeu: Para de choramingar menino, continue tentando, só a fé, vamos ver, quem sabe? Eu vou dormir agora que está silencioso, me chamem se alguma brecha se abrir!

Camponês: E não querem saber como eu cheguei aqui? Podemos estar na cela do assassino. Se fosse eu? Eu, o assassino, se eu tivesse matado um cristão? E se os martelos soassem por mim?

Cristão: [arrumando-se para dormir] Todo esse trabalho para enforcar um camponês? Ora...quem mataste afinal? A porca do imperador? Repousa menino, aproveita o silêncio dos martelos!

Camponês: [levantando-se do chão] Repousar? E vós achais mesmo que a prostituta está saciada? Ela há de espoliar toda a terra, revolver todas as montanhas, esfolar os animais, calcinar os campos, desviar todos os rios...

Judeu: Entendes mais de prostitutas que nós! Mas agora é tarde para nos aconselhar...dorme! Quem sabe sonhas com uma dessas insaciáveis?

Cristão: Agora és tu! Não tripudies dele também! Quando cai a noite – sim, eu sei, é sempre noite aqui dentro – mas quando cai a noite mesmo, a de verdade,

quando entramos nesse éter de vazio e negrume e silêncio, nesse ventre de inação, é quando ele geme – *sola fide, sola fide, sola scriptura, sola scriptura, norma normans, norma normans*. E na insônia, o vazio parece carregar as pedras para cima, como um arquiteto silencioso, armando arcos, ogivas e absides, e mesmo vejo moverem-se arcobotantes, ou tentáculos de aranhas, ou dedos como massas escuras ondeando o escuro. O escuro, não sei dizer, é como se a escuridão se dobrasse sobre a escuridão, como se houvesse gradações mínimas de negrume, semoventes...as pedras movem-se? Movem-se? E sinto um visgo em mim, um escuro penetrante cavar-se até a dor, dedos roçando, arando, arando meu peito, abre-se uma vala, uma culpa, talvez, mas sem nome, sem bordas, imensa. Não, por favor, não! Não o provoca! Deixa-o dormir quieto!

Judeu: Uma culpa sem nome? Esta não tem preço, não consta da tabela da tua Igreja?

Cristão: [chorando] Não, não recomeces! Deixa a igreja na sua quietude, deixa-a! Não conversemos agora, nessa escuridão santa, sinistra, cínica, ou o que seja, não há palavra que lhe dê bordas, não há figuras que lhe dê contornos, nessa escuridão única, nessa escuridão toda, não! Não quero sabê-la mais do que já sei...não quero seus segredos. Não!

Camponês: [erguendo-se do chão, quase na ponta dos pés, as mão para o alto] Eu não sou de longe, sou das terras da senhora da Borda do Campo, a viúva do senhor de... Vi poucas vezes o meu senhor. A primeira, talvez, foi quando chegaram os magos, na verdade, não eram como se espera, eram só homens muito morenos, vieram a cavalo em comitiva. Lembro que levei gansos e

coelhos sem número para os banquetes, e que se reuniam em torno de grandes livros e tábuas de pedras verdes, e ábacos cristalinos, e sorviam grande, grandes quantidades de vinho. Foi a primeira vez que me chamaram para abastecer a cozinha e vislumbrei, assim, o interior da grande morada, a grande sala corrida por uma longa tapeçaria, distantes aos meus olhos fracos, indecisos, dançavam por todo o teto como chamas de velas cavaleiros bordados em linhas douradas, cortejos, espadas e escudos. Foi, foi essa a primeira vez que vi meu senhor, era jovem, mas com um nariz franzido sobre os livros e as contas reluzentes suspensas nos ábacos. E os homens de longe balançando suas cabeças de cabelos escuros e fartos, divididos ao meio, em penteados sempre fixos, untados de óleos úmidos, de perfumes estranhos, nauseantes. Meu senhor parecia uma criança de vidro, rosada, frágil, agitada e pequena. Não sei que língua falavam, nunca os ouvi falar. Apenas escreviam escreviam e escreviam e bebiam bebiam e bebiam noite adentro. Meu senhor gritava comigo, bravo, quando dormitava vez ou outra nos fundos da adega. Chegou a gravar meu nome de tanto que me chamou para encher as jarras e repor as velas! Não sei precisar quanto tempo depois, lembro porque novamente abatemos grande número de gansos e caçamos coelhos a não poder mais, chegaram as outras comitivas.

Cristão: Era este teu senhor? Que curioso! Era considerado um sábio, dizem que escrevia sobre teologia e astrologia. Parece que morreu de forma...

Camponês [sem dar importância à interrupção, em transe]: Chegaram pintores, pedreiros, mestres em cantaria para reformar a pequena capela. Vi quando construíram os andaimes, quando passaram o desenho do papel

para a parede, decalcado com pó preto de carvão, quando prepararam a argamassa parte a parte. Vi então aparecerem aos poucos os quatro ventos com bochechas gordas a soprar dos cantos da terra. Os sete planetas conduzidos por damas em estranhas montarias mistas de cavalo e peixe, de lagarto e tigre, de touro e águia. O zodíaco de estrelas ligadas uma a uma a formar letras estranhas, como as figuras de um carneiro, um inseto redondo de patas amarelas, um escorpião negro, um touro, dois peixes enlaçados, jarros de água cristalina, uma pequena balança dourada, uma bela ninfa...e até um homem negro com corpo de cavalo atirando uma flecha de fogo. Vi erguer-se o firmamento do dia assinalado, sobre a cúpula de um azul magnífico, quando um cometa cruzaria os céus e choveriam gafanhotos de fogo e viria então o novo amanhã e um outro firmamento. A carruagem, na parede do altar, apareceu também pouco a pouco, em pedaços de argamassa pacientemente pintados dia a dia no tempo da secagem, a carruagem, a carruagem vinha carregada pela cauda de um cometa, ultramar e escarlata. Quando o senhor morreu, a senhora mandou cair os céus. Não a tinha visto muitas vezes, mas quando a vi depois da viuvez, percorrendo os campos, estava vestida de negro, os olhos tão fundos, uma máscara vazada e não uma face. Não sorria, mas me parecia que já lhe faltavam dentes na arcada. Seus braços, desnudados na cavalgada sempre veloz, eram como ossos. Ela mandou sorrir a frente de todos o velho moleiro. O moleiro sabia ler por ofício, para cuidar do pagamento das banalidades e mesmo da corveia. Ele conhecia muita coisa, lia as linhas daquele firmamento doméstico pintado na capela, lia também, a todos, os impressos da nova lei. Do novo firmamento. Mandou sorrá-lo e a todos



que ousassem ler, a todos que se reunissem para ler.

Judeu: As palavras secaram-lhe o marido! O que esperar de uma pobre mulher assim espoliada? Perdoe-a...

Camponês: Os campos se incendiaram de motins, de revoltas, de castigos, houve perseguições em casebres tão pobres que a chegada dos cavaleiros da senhora eram recebidas como dádivas! Senhores assinalados, em cavalos de aparato azul e dourado, longos estandartes de franjas reluzentes varrendo o pó, o ouro adentrava lugares cinzentos... trazia apenas a morte. E os camponeses também atacaram, arava-se o chão com fogo, com ferros quentes. Os lugares se invertiam, a porca não o predizia? O belo e justo arrastava consigo a morte, os braços que cultivavam agora atacavam a terra e seus senhores. Até o chão se moveria, os céus se abririam. Oh Deus! Estávamos reunidos, ouvíamos a leitura, quando a centelha brilhou no horizonte...o tropel se aproximava! O jovem cavaleiro, tão jovem quanto eu, tão branco como um lírio, caiu aos meus pés, depois de assustarem seu cavalo. E eu vi nos seus olhos abertos, riscados no azul, as linhas de um outro firmamento. Não toquei nele, mas me olhava quando o mataram! E as linhas não diziam nada! Nada, nenhum sinal, nenhuma carta astral, nada.

Cristão: Meu Deus, me arrepias! Os astros perderão seus rumos? As estrelas não mais nos guiarão? O céu, assim profanado pelas patas da porca, nos abandonará? E toda a ordem será inversa, tudo às avessas, como em um grande carnaval, uma mascarada hedionda, em que camponeses se vestem de guerreiro e os senhores usam a face da morte? O chão sobre nossos pés será móvel com

as águas do mar? Os campos hão de vicejar o fogo e as cidades hão de sucumbir...não, não!!! Essas heresias, elas serão punidas pela ordem! Estão todos loucos?

Camponês: Que ordem é essa, cristão, que nos põe a ambos sob a mesma cúpula? Por que ordem clamas? Esta? Em que as palavras tilintam como moedas? Esta, que te condena por castigos e confissões arrancadas à carne? E este o teu firmamento? Só há uma ordem, só há uma norma! Esta ordem é a justiça real, a verdadeira palavra. Ora, a lei está prestes a tornar tua vida, tua própria vida, singular, íntima, em argumento, em letra morta! E a veneras ainda?

Cristão: Sim sim, serei jurisprudência! Ai de mim! Mas o que me propões? Que ande a cruzar os campos vestido de trapos, carregando tábuas de esmeralda com chapéu de guizos? [ergue os punhos]

Judeu: A minha lei, a tua lei, a nossa lei, a dele? Toda letra é impressa a sangue. Vós já me perguntais por que nunca mais retornei à terra de minha infância, à terra da porca prodigiosa que diz o bem e o mal ao prazer dos ouvintes? Minha terra não existe mais. A terra de meus pais e avós. Antes, os avós de meus avós corriam para a floresta, premidos tanto pela peste, como pelas acusações que lhes imputavam o poder sobre a própria peste! A peste, ora, a peste caia-lhes duas vezes: como nódulos negros na carne, como profecia de culpa. Sim, nos culpavam pela peste! A nós, que vivíamos aos montes, irmãos e mais irmãos amontoados entre celeiros e animais, consumidos pela febre. Então veio a saúde e a paz, a prosperidade, até nascer a porca! – a porca de tipos móveis

chafurdando no estrume de nanquim, cuspidando sua baba oleosa e negra em mil blasfêmias voláteis. A porca que vomita letras imundas! Voam como insetos negros e malsãos sobre os campos! Como gafanhotos pútridos! Sim, lia-se também nos campos e vilas de Landser – lia-se opúsculos. Vê se já ouviste falar deste, pequeno campônio! Ah! Como cantavam aqueles espectros rotos, tão miseráveis que pareciam os restos enlameados deixados pelo degelo. Magros, famintos, piolhentos – e como cantavam a ela! À porca! À Lei! Cantavam: ‘São como sujeira, chafurdam no estrume, são as fezes do diabo! Queimem suas sinagogas, somos culpados de não matá-los’. Já te leram estas palavras? Esta é a palavra? *Sola Scriptura*? Sim, queimaram tudo, mataram tudo que se movia, expulsaram todos que podiam arar ou trabalhar, abandonaram os que restaram, moribundos, crianças, solitários. É isso que arrastais pelos campos, falsos anjos, falsos santos, malditos leitores iletrados! Mentiras, máscaras, evangelhos escritos às pressas, mal paridos por mãos incultas, esses evangelhos toscos de quermesses e feiras. Pareces um ingênuo? Pois os ingênuos também têm as mãos manchadas de sangue! [força o camponês, que se pôs de pé, a voltar ao chão]. Todos os levantes, todos os novos firmamentos com seus signos de outra ordem – toda lei se escrevia a sangue! E o firmamento sempre se reordena, reconstitui-se e endurece sua cúpula azul sobre nós.

Cristão: [para a plateia] Ouçam! Amanhece, ouçam, não são ferramentas? Martelam? Me dá calafrios!

Camponês: A multidão. A multidão na praça...sim, sim, já amanheceu! A vila ferve! Ouço animais, e rodas de carroças que gemem pressionadas pelo peso dos cereais e dos tonéis!

Judeu: A multidão, ouço! Mercadejam, ou entoam seu murmuriozinho pelo sangue de alguém? A qual forma da lei adoram?

Cristão: São passos? No corredor, ouvem também como eu? Ou delírio?

Judeus: Deliramos todos!

Camponês: [de olhos fortemente cerrados] Só deus cria e aniquila, só deus aniquila, só deus concede graças e dons, os dons e as graças...todos os dons...só deus...só a fé, todos os dons e graças e os céus. Só deus aniquila, só deus aniquila, concede graças e dons, concede-os sem pagas, os dons e as graças...todos os dons...só deus...só a fé, todos os dons e graças e os céus e evangelhos e amém. Meu deus, minha fé não move pedras, eu sou só um homem! Ouve meu deus. Deus, me ouça! Ouve a causa justa, atende a meu clamor; dá ouvidos a minha súplica. Apenas um homem.

Judeu: [toma a mão ao camponês] Tua mão é dura como pedra. E és apenas uma criança. Quantos anos tens?

Camponês: [servil] Não sei senhor.

Cristão: Estão chegando! Ou se afastam? Ouvi! [toca o ombro dos outros]

Camponês: Vossa mão é tão leve senhor!

Cristão: Não me trates assim, não é necessário. Que tua fé nos salve!

Camponês: [cabeça baixa, servil] Minha fé senhor? Não me peças tanto. Meu deus...quem sou eu?

Cristão: Qual o teu nome rapaz?



Camponês: O meu senhor?

Judeu: Não são mais martelos? São armas que se arrastam? Parelham-se na praça, não vos pareceis? A multidão se reúne, aquieta-se? Não vos pareceis uma... execução?

Camponês: Ouço, senhor, mas pode ser apenas que arrastam os ferros para montar as barracas da feira, que se aquietam pelo trabalho! Sim, ouve senhor, encaixam ferragens, ouves? Encaixam as cravelhas e cunhas...vês? São só bazares. [para o Cristão] Pode ser que os passo no corredor sejam apenas os homens da comida! Guarda-me com a pupila de teus olhos. Esconde-me à sombra de tuas asas!

Cristão: Aproximam-se, ouçamos! [para o camponês] Que os deuses todos vos correspondam! Que minha sentença provenha de tua face, teus olhos vejam onde está a retidão. Podes sondar-me o coração, visitar-me pela noite, provar-me com fogo.

Judeus: És um anjo rude que nos enviam? Oh deus de Abrão e de Esther! Em sua arrogância, receba esta noval! Quanto a mim, com justiça verei tua face!

FIM

* **Priscila Rossinetti Rufinoni** é professora de Filosofia na Universidade de Brasília. Possui mestrado em História da arte pela Universidade de São Paulo e doutorado em Filosofia pela mesma universidade.